

DE MARCELLINA A MARCELLA: REPRESENTAÇÕES EM CASSANDRA RIOS.

RODRIGUES, Izadora Fernanda Reichert¹ (izareichert@hotmail.com); **PINHEIRO, Alexandra Santos²** (alexandrasantospinheiro@yahoo.com);

¹ Discente do curso de Letras da UFGD; PIVIC/UFGD

² Docente do curso de Letras da UFGD.

Cassandra Rios foi a primeira autora brasileira a mostrar a mulher como ser que também tem desejos sexuais. Rios escreveu durante a Ditadura Militar e teve a grande maioria de seus livros censurados por ferirem a “moral e os bons costumes”. De forma muito corajosa, colocou em evidência a representação da prostituição e da homoafetividade, dando voz em sua produção literária a sujeitos silenciados pela sociedade patriarcal. Por causa da força de suas obras, a autora escondia-se com o pseudônimo Odete Rios, parecido com seu nome original. Para a presente pesquisa, adotamos como corpus de análise o romance *Marcellina*, publicado em 1977 e republicado em 1980. A narrativa, que conta a história de vida de uma “call-girl”, uma vendedora de prazer que parece não amar e não sentir prazer em suas relações sexuais, foi analisada à luz da teoria da representação e da escrita de autoria feminina. A maneira como o narrador conduz a história faz com que a escolha da protagonista pela prostituição seja perdoada pelo leitor: Marcellina é representada não apenas como uma prostituta, mas como um sujeito histórico que foi conduzido, por diferentes ausências, ao mundo obscuro da venda do corpo. O trabalho visou compreender como a personagem transgressora narra a sua história e a transforma. Para tanto, analisamos a forma como alguns temas são trazidos à luz pela voz de Marcella. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e a conclusão se deu percebendo que a personagem representa um sujeito de seu tempo, pois mesmo sendo transgressora ao não fazer parte do modelo de mulher esperado pela sociedade, ela tem difundidos os padrões sociais de comportamento de um mundo marcado pelo binarismo sexual, no qual o homossexualismo/lesbianismo não são aceitos. Fica claro que Marcella, mulher aparentemente livre da década de 70, ainda possui muitos impasses que estavam – e ainda estão – enraizados na sociedade brasileira patriarcal. Ela é mais uma mulher criada em um padrão de não aceitação da homoafetividade. Isso é usado pela autora como uma nova abordagem do tema, representando uma personagem preconceituosa com o objetivo de narrar essas relações de maneira acessível e inserir essas personagens no mundo concreto.

Palavras-chave: Escrita feminina. Homoafetividade. Censura.

Agradecimentos: À Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, e ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica.